
O neoliberalismo como forma de vida: discursos de liberdade sobre vacinação em cartas e comentários de leitores¹

Igor SACRAMENTO²
Wilson Couto BORGES³
Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Neste trabalho, temos como objetivo realizar uma comparação histórica de cartas dos leitores para diferentes jornais com comentários a matérias publicadas em dois momentos de crise de desconfiança em relação a vacinas: na primeira campanha de vacinação contra a gripe comum para idosos em 1999/2000 e na campanha de vacinação contra a covid-19 em 2021/2022. Observamos o neoliberalismo, mais do que uma política econômica, como uma forma de vida que estabelece um modelo particular de liberdade – dos mercados, das escolhas individuais, do empresariamento de si. A liberdade como justificativa para não se vacinar nas cartas é uma forma de opor a autogestão às diretrizes do Estado, tomadas como cerceamento.

PALAVRAS-CHAVE

liberdade; vacinação; jornalismo; carta dos leitores; comentários.

INTRODUÇÃO

Neste texto, temos como principal objetivo refletir sobre o lugar do neoliberalismo na conformação de discursos sobre liberdade e autonomia como justificativa moral para a resistência à vacinação. Para tanto, primeiramente, discorreremos sobre o neoliberalismo como forma de governamentalidade que colocou, entre outros aspectos da vida, a saúde no âmbito da autogestão e da performance, tendo como referências Michel Foucault (2008) e legatários de sua obra (Brown, 2019; Dardot e Laval, 2017). Depois, num exercício de comparação histórica, analisamos discursos de oposição a vacinas no contexto da primeira campanha de vacinação contra a gripe comum para a idosos no Brasil entre 1999 e 2000. Na sequência, pontuamos como se deu a presença das ideias de liberdade e autonomia corporais, cidadãs e médicas na negação em aderir à vacinação da Covid-19 ou, em certos casos, na escolha daquela que seria a melhor vacina das ofertadas no mercado da saúde entre 2020 e 2021. Os governos de Fernando Henrique Cardoso são

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, pesquisador em Saúde Pública e Professor do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde na Fiocruz e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ. E-mail: igor.sacramento@fiocruz.br.

³ Doutor em Comunicação pela UFF, pesquisador em Saúde Pública e Professor do Programa de Pós-Graduação em Informação e Comunicação em Saúde na Fiocruz. E-mail: wilson.borges@fiocruz.br.

fartamente reconhecidos pela literatura especializada como o de consolidação do neoliberalismo na política econômica brasileira. Defendemos que, também, foi quando o neoliberalismo se organizava como uma nova forma de vida. Essa organização já está bem mais consolidada durante o governo de Jair Bolsonaro, quando ficam mais evidentes outras implicações sociais, como as conexões entre neoliberalismo e políticas antidemocráticas sob a chave estratégica da liberdade individual.

Os discursos analisados aqui são de ordem semelhante: o relato pessoal. Para o primeiro período, nos detemos às cartas de leitores dos jornais de maior circulação à época: *Folha de S. Paulo* e *O Globo*. Para o segundo, consideramos os comentários de leitores às matérias dos mesmos jornais em suporte online sobre o início a campanha de vacinação de covid-19 em 2021.

METODOLOGIA

O que nos interessa especificamente neste texto é abordar o lugar dos relatos pessoais na promoção e disseminação desses rumores pela alegada autenticidade conferida pelo teor testemunhal que apresentam. A natureza anônima dos rumores se esvai na materialidade do relato de si pelos leitores, na autoria assumida e na experiência narrada. Assim, a suspeição exercida pelos boatos sobre as vacinas encontraria nesses relatos a certeza da experiência vivida, no sentido de que se vive e se sente o que se narra: mais do que um observador corpóreo, o sujeito da experiência. Embora os contextos comunicativos sejam muito distintos, a comparação de relatos pessoais na internet (em blogs e fóruns) no final dos anos 1990 com os do final da década de 2020 é praticamente impossível, porque no Brasil, diferentemente de outros países como a França, não há políticas e instituições destinadas à preservação e ao acesso do material digital. Então, não temos como acessar essas narrativas do passado, se não as tivermos coletadas, registradas e arquivadas.

Na pesquisa que desenvolvemos, temos adotado procedimentos diversos para salvar alguns desses relatos nas plataformas digitais de comunicação para o contexto da vacinação contra covid-19, o que não foi realizado para o período anterior.⁴ Mas há, todavia, vestígios das narrativas comunicacionais sobre vacinas de 1990/2000 em outras, pelas notícias, reportagens, entrevistas e, notadamente, cartas dos leitores, que apontavam

⁴ Este texto faz parte do projeto de pesquisa “A evidência como experiência: a internet e os testemunhos antivacinação no Brasil contemporâneo (1999-2022)”, financiado pelo CNPq.

a internet como espaço para sociabilidades informacionais rumorosas. É esse ponto que gostaríamos de destacar neste texto: o exercício historiográfico se dá pelos vestígios. Mas, o que será decifrado, através da interpretação, está sempre localizado no presente. É neste sentido que a história trabalha com vestígios que chegam ao presente sob a forma de rastros e sinais. Compreendendo o vestígio como mensagem, vinculando-o à possibilidade de conter uma mensagem, atribuindo um valor a esses vestígios no presente, produz-se a interpretação indispensável na ação histórica. Para contar uma história há que existir vestígios, a predisposição para ler e a leitura, isto é, a interpretação crítica. A historiografia implica, pois, em leituras de mensagens sobre algo considerado como ausente no nosso aqui agora, a disponibilidade para visualizar nos indícios a mensagem (método) e sua leitura (a crítica). Para a teoria da história, é fundamental o que aconteceu, como aconteceu e, sobretudo, por que aconteceu. Essa é, talvez, a principal contribuição que a utilização dos postulados da teoria da história pode fornecer aos estudos em torno de questões de comunicação e, do jornalismo, em particular. Há que se pensar numa dimensão histórica e perceber que a ação jornalística se dá num presente encharcado de um grau de consciência refletida sobre a história (Barbosa, 2005).

Preferimos, neste momento, manter a análise dos relatos pessoais por meio das cartas dos leitores. As cartas enviadas pelos leitores aos jornais diários tendem a ser consideradas, hoje, materiais midiáticos “fora de moda”, desajustados com o tempo atual, mesmo quando surgem no formato e-mail ou quando postadas nas redes sociais. Neste estudo, propomos um recorte específico dessa prática discursiva, à revelia de sua suposta anacronicidade e da tensão que ronda outras formas de comunicação do público com os jornais, a exemplo da alta frequência, instantaneidade e interatividade dos comentários e postagens nos perfis em redes sociais on-line (Vecchio, Fernandes e Dalla Costa, 2019). Entendemos que tais manifestações virtuais – incluindo as cartas dos leitores, nas suas diversas formas – fazem parte da construção de novos processos interacionais contemporâneos. Mas tais cartas são um espaço editorial, gestado pelos editores dos jornais e com objetivos associados às linhas editoriais definidas.

Então, fizemos, operacionalmente, o seguinte: para o primeiro período, acessamos os acervos digitais dos referidos jornais e buscamos a palavra “vacina” durante os três primeiros meses da campanha de vacinação contra gripe comum para idosos; depois, separamos todas as menções em cartas dos leitores; em seguida, realizamos uma classificação temática dos textos; e, por fim, analisamos aqueles que justificam a recusa

à vacinação pelo alegado direito à liberdade individual. Para o segundo período, entramos nos sites dos mesmos jornais, buscamos matérias sobre a vacinação contra a covid-19 nos três primeiros de campanha, separamos os comentários, realizamos uma classificação temática dos textos e analisamos especificamente aqueles que justificam pela liberdade a antivacinação. Nossa análise está baseada naquilo que Marialva Barbosa (2006, p.238) formula: “[n]ão se trata, por exemplo, apenas dizer que a mídia pode determinar como pensar ou sobre o que pensar, mas interpretar por que isso acontece num espaço social considerado [...] que difere profundamente do que ocorre em outro espaço com historicidade diversa”. A análise histórica comparativa combina duas dimensões historiográficas – a comparação (o estudo das semelhanças e diferenças entre casos) e a história (a análise dos processos de mudança na sua dimensão temporal) –, para ajudar a explicar resultados em larga escala numa variedade de tópicos.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As cartas dos leitores são um espaço para a expressão de opiniões e debater questões consideradas importantes (Davis e Rarick, 1964; Dearden, 1986). Muitas vezes são escritas em reação a uma matéria, um editorial ou uma carta anterior ao editor. Mas também tratam de acontecimentos recentes. As seções de cartas se apresentam como um fórum para debate público diversificado. Conforme descrito por Wahl-Jorgensen (2007: 35), “o jornal não só contribuiu para tornar públicas as cartas de particulares sobre causas políticas, mas também construiu um modo de expressão que assentava na aparência de um debate público”.

Dessa maneira, observamos dois momentos distintos: um no qual o jornal impresso tinha maior centralidade na vida social e outro, em que a internet, sobretudo as redes sociais digitais, fomentam, por um lado, uma cultura da personalidade baseada na visibilidade midiática individualizante e competitiva característica do individualismo neoliberal e, são, por outro, motor propulsor (Miskolci, 2021).

A autoria é um critério comum diretamente relevante para examinar as diferenças entre cartas ao editor e postagens online. A maioria dos jornais contemporâneos exige o nome do autor da carta, o que pode reduzir o número de pessoas que escrevem cartas ao editor. Por outro lado, os sites de notícias normalmente permitem que os escritores usem um pseudônimo. Reader (2005) especula que permitir o anonimato em cartas ao editor expandiria o leque de pontos de vista, embora afirme que o anonimato pode prejudicar o

discurso porque os postadores anônimos não são responsáveis pelas suas opiniões, o que leva a um comportamento que tende a ser mais emocional e impulsivo.

PRINCIPAIS RESULTADOS DE ANÁLISE

Durante a campanha de 1999, as cartas de leitores idosos estavam muito focadas na preocupação com a impotência que seria causada pela vacina. Algumas idosas relatavam que a vacina poderia provocar demência e problemas cardíacos. Nem todos não acreditavam que uma vacina oferecida somente para idosos poderia ser algo bom – antes, que deveria fazer mal à saúde. Esses relatos sobre os malefícios da vacinação participaram da construção de um problema público e de um novo risco: não é mais a doença, mas a própria vacina. Esse deslocamento gera novas dinâmicas na produção de sentidos sobre a campanha de vacinação e a vacina.

Estamos considerando o polo de produção da gripe em idosos como um problema de saúde pública e os agentes públicos como atores: médicos, cientistas, pesquisadores, jornalistas e a própria população, que participa do processo da conformação de um problema, pois modifica uma concepção e passa a atrelar gripe, riscos e idosos. Assim, os públicos no campo da recepção contribuem para a produção do problema coletivo, podendo resistir a essas construções narrativas e construir outras, alternativas e concorrentes, na representação da realidade.

Os jornais assumiram, especialmente durante a pandemia de covid-19, posicionamento contrário ao negacionismo vacinal institucionalizado pelo ex-presidente Bolsonaro. Interessa-nos também observar quais cartas foram selecionadas para a publicação e o que essa seleção diz sobre a linha editorial e o posicionamento em relação a uma prática jornalística em saúde baseada em evidências científicas. Desse ponto de vista, os comentários são particularmente contrários ao posicionamento dos jornais.

Vários princípios do discurso neoliberal são evidentes: primeiro, a negação do contrato social em favor de objetivos individuais e na rejeição direta da saúde pública como um esforço coletivo valioso. Significativamente, isto nega a riqueza de evidências que, durante o século XX, os declínios mais significativos na morbidade e mortalidade foram resultado de iniciativas de saúde pública como vacinas e saneamento público. Em segundo lugar, fala da rejeição do bem-estar comunitário em favor da busca da autogestão e autonomia individuais. Cada indivíduo deve ser responsável pela sua saúde, com exceção de crianças, outras crianças, de tal modo que devem calcular e evitar riscos.

Terceiro, incorporada nesta compreensão individualista da saúde e do público, está a rejeição da autoridade estatal (neste caso, a ciência das vacinas e as políticas/práticas de saúde pública) em favor da autonomia individual (lida como escolha ou direitos dos pais/mães). A rejeição da autoridade estatal e a evocação da liberdade de escolha implicam que a autoridade estatal é inerentemente má e contrária aos interesses do indivíduo. Finalmente, o indivíduo é o consumidor racional e é mais capaz de tomar as suas próprias decisões com base nas evidências disponíveis. Dentro deste último tema há uma enorme quantidade de sentimento cismado que intimamente oposto à ciência e ao Estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tanto as cartas dos leitores (1999) quanto os comentários às matérias online (2021) têm como principais valores a liberdade e a escolha pessoal. Na verdade, não só nos é dada “liberdade de escolha”, como também somos obrigados a escolher. No primeiro período, a escolha se limitava a se vacinar ou não. No segundo, foi construída a possibilidade de buscar escolher qual vacina ter aplicada em si ou mesmo não se vacinar. No entanto, em ambos os casos, observamos que a responsabilidade que acompanha tantas escolhas pode criar expectativas insatisfatórias, ansiedade e uma sensação de precariedade da vida. Esta sensação de insegurança é ainda mais exacerbada pela introdução crescente nas relações saúde/doença e vida/morte.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, M. O filósofo do sentido e a comunicação. **Conexão** (Caxias do Sul), Caxias do Sul, v. 5, n.9, p. 139-150, 2006.
- _____. O que a história pode legar aos estudos de jornalismo. **Contracampo** (UFF), Niterói, v. 12, p. 51-62, 2005.
- BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**. São Paulo: Editora Filosófica Politeia, 2019.
- DARDOT, P; LAVAL, C. **A nova razão do mundo**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.
- DAVIS, H.; RARICK, G. Functions of editorials and letters to the editor. **Journalism Quarterly**, vol.41, n.1, 1964.
- DEAREN, P. Letters to the editor, editorials, and agenda-setting: A case study of newspaper response to an environmental problem. **Journal of Environmental Management**, v.22, 1986.
- FOUCAULT, M. **O nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- bolMISKOLCI, R. **Batalhas morais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.
- READER, B. “Who’s Really Writing Those ‘Canned’ Letters to the Editor?” **Newspaper Research Journal** 26 (2–3), 2005.
- WAHL-JORGENSEN, K. **Journalists, and the public: newsroom culture, letters to the editor and democracy**. Creskill, NJ: Hampton Press, 2007.
- VECCHIO, M.; FERNANDES, J. C.; DALLA COSTA, R. M. C. Os leitores da Gazeta do Povo diante de um jornal em desmaterialização. **E-COMPÓS** (BRASÍLIA), v. 22, p. 1-28, 2019.